

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



A confissão de fé “Jesus é o Senhor” na teologia paulina em Rm 10,9

The confession of faith “Jesus is the Lord” in Pauline theology in Rm 10,9

Nome: Waldecir Gonzaga [a] 

Rio Janeiro, Rio Janeiro; Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RIO, Brasil.

Nome: Prof. Junior Lago [b] 

Arquidiocese de Santa Maria, ARQUISM, Brasil

Faculdade Palotina, FAPAS, Brasil..

Como Citar: GONZAGA, Waldecir; LAGO, Junior. A confissão de fé “Jesus é o Senhor” na teologia paulina em Rm 10,9. Caderno Teológico, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 09, n. 01, p.46-61, jan./jun, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.09.01.p46-61>

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise de Rm 10,9 buscando destacar a importância da confissão de fé “Jesus é o Senhor” na teologia paulina, colocando-a como critério exterior de salvação, manifestando com isso que a salvação é sempre gratuidade de Deus e não conquista humana. Parte-se do contexto literário da perícopa de Rm 10,1-13, para delimitar a finalidade e verificar a importância do termo “Κύριος/Senhor” como título cristológico. No AT, o termo está intimamente ligado à dimensão do culto, sobretudo para substituir o nome próprio hebraico de Deus. No NT, ele adquire uma relação mais pessoal com Jesus Cristo. O termo “Κύριος/Senhor” antes da ressurreição de Jesus é fruto do tratamento mestre/senhor, implicando o discipulado; e, após a ressurreição, ele vai ganhando um caráter de soberania e exaltação:

[a] ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X> - E-mail: waldecir@hotmail.com

[b] ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9861-5366> - E-mail: junior.lago@edu.pucrs.br

tornando-se um título cristológico por excelência. Na teologia paulina, o termo é atribuído tanto a Deus Pai, como a Jesus, “Κύριος/Senhor”, o que ajuda a ver a inseparabilidade de ambos, bem como o caráter teológico do termo. É possível compreender que a confissão de fé primordial é reconhecer e professar “Jesus como Senhor”. Neste sentido, este artigo apresenta a riqueza teológica da confissão de fé “Jesus é o Senhor”.

Palavras-chave: Jesus, Κύριος, Senhor, Confissão de fé, Título cristológico.

Abstract

This article presents an analysis of Rom 10,9, seeking to highlight the importance of the confession of faith “Jesus is Lord” in Pauline theology, placing it as an external criterion of salvation, manifesting with this that salvation is always a gift from God and not a human achievement. The literary context of the pericope of Rom 10,1-13, to delimit the purpose and verify the importance of the term “Κύριος/Lord” as a Christological title. In the OT, the term is closely linked to the dimension of worship, especially to substitute for the Hebrew proper name of God. In the NT, it acquires a more personal relationship with Jesus Christ. The term “Κύριος/Lord” before the resurrection of Jesus is the result of the treatment master/lord, implying discipleship; and, after the resurrection, it gains a character of sovereignty and exaltation: becoming a Christological title par excellence. In Pauline theology, the term “Κύριος/Lord” is attributed to both God the Father and Jesus, which helps to see the inseparability of both, as well as the theological character of the term. It is possible to understand that the primary confession of faith is to recognize and profess “Jesus as Lord”. In this sense, this article presents the theological richness of the confession of faith “Jesus is Lord”.

Keywords: Jesus, Κύριος, Lord, Confession of faith, Christological title

Introdução

A confissão de fé “Jesus é o Senhor” ocupa um papel fundamental na Sagrada Escritura, sobretudo, na teologia paulina, especialmente na Carta aos Romanos, uma carta protopaulina, considerada autenticamente paulina pelos estudiosos em Paulo, em relação às deuteropaulinas, de autoria ainda em estudo (cf. GONZAGA, 2017, p. 19-41). No contexto de Rm 10,9, essa confissão é apresentada como um critério externo de salvação, manifestando com isso que a salvação é sempre gratuidade de Deus e não conquista humana. Partindo da perícope Rm 10,9 – na qual Paulo justifica a tese principal de sua carta: “que o justo vive pela fé” (Rm 1,16-17) (cf. GONZAGA; CARDOSO JÚNIOR, 2023, p. 119-144) – é possível delimitar a finalidade e verificar a importância do termo “Κύριος/Senhor” como título cristológico.

O presente estudo analisa primeiramente o significado e a importância do termo “Κύριος/Senhor” na Sagrada Escritura. No Antigo Testamento, o termo era utilizado para traduzir/substituir o nome próprio de Deus (Tetragrama Sagrado: YHWH (por ex.: Dt 10,14.17; Sl 135,2-3) especialmente nas cópias cristãs dos textos para o uso litúrgico da LXX, que o verteram para *Kyrios* (“Κύριος/Senhor”) (por ex.: Dt 32,39; Is 42,8; Os 13,4). Além disso, é preciso considerar também o uso secular do termo, bem como em outros contextos ligados, sobretudo, à política.

No Novo Testamento, seguindo a tradição veterotestamentária, o termo “Κύριος/Senhor” começou a ser aplicado a Jesus Cristo, denotando o respeito pela sua autoridade enquanto mestre que ensina com sabedoria (por ex.: Mc 12,36-37). Porém, depois do evento pascal, o ressuscitado passa a ser chamado de “Senhor ou Senhor Jesus” revelando a sua divindade e comunhão com o Pai (por ex.: At 2,36; 1Cor 12,3). Assim, o termo vai sendo empregado cada vez mais como título cristológico.

Por sua vez, na teologia paulina, a confissão “Jesus é o Senhor” aparece sempre muito ligada ao contexto veterotestamentário (por ex.: Rm 5,1; 1Cor 1,3; Ef 2,19). Englobando o contexto da fé cristã nascente que professava a sua fé no ressuscitado como seu único Senhor e estava especialmente vinculada à confissão de fé pública que acontecia por ocasião do batismo. Nesse sentido, o cristão era chamado a confessar exteriormente “com a boca” o que cria interiormente “com o coração”, conforme a o texto em estudo, de Rm 10,9.

Considerando, por fim, que para a fé cristã primitiva, a confissão “Jesus como Senhor” é fundamental, este estudo apresenta uma análise retórica de Rm 10,9, explorando a riqueza teológica desta confissão no contexto da Sagrada Escritura, especialmente na teologia paulina. Esta pesquisa, portanto, visa ser um convite ao aprofundamento deste tema no seu caráter de discipulado e de reconhecimento de Jesus como único e soberano Senhor para todo cristão que professa publicamente a fé que possui no coração.

O contexto literário próximo de Rm 10,9

Rm 10,9 está inserido na perícope Rm 10,1-13, sobre a “infidelidade culpável de Israel” (cf. BARBAGLIO, 1991, p. 276). Nesta passagem, em que o autor continua a explanação da tese principal da sua carta (Rm 1,16-17), está posta a expressa vontade de Paulo que todos os israelitas sejam salvos (Rm 10,1), denunciando o evidente engano daqueles que “desconhecera a justiça de Deus” (Rm 10,3). O apóstolo destaca que seus concidadãos, possuindo um certo “zelo por Deus”, demonstram que foram incapazes de reconhecer que a “finalidade da Lei é Cristo” (Rm 10,4). Cranfield, em seu comentário à Carta aos Romanos, sintetiza este trecho dizendo que os interlocutores de Paulo “conhecem, de fato, a Deus, e no entanto, não querem reconhecê-lo como ele é realmente. Há falta de compreensão no ponto mais vital. É questão de ver realmente, mas não perceber, de ouvir realmente, mas não entender (cf. Mc 4,12)” (CRANFIELD, 1992, p. 239). E, portanto, assim procedendo, “não se sujeitaram à justiça de Deus” (Rm 10,3).

Por isso, em seguida, Paulo ilustra que a justiça provém da fé (Rm 10,6) e apresenta o testemunho de Moisés como homem que viveu plenamente esse mistério (Rm 10,5). Citando duas passagens do Antigo Testamento (Lv 18,5 e Dt 30,11-14) demonstra a correlação entre o agir humano e o agir de Deus, respectivamente – o homem deve pôr em prática a justiça, ao passo que Deus a colocou na boca e no coração do homem. Com isso, o Apóstolo retoma a ideia de que não é necessário ao povo de “Israel subir ao céu para descobrir a vontade de Deus; já que ele mostrou-lhes bondosamente aquilo que é bom por meio da sua lei, e essa lei é simples e clara” (CRANFIELD, 1992, p. 243). E explicita que “a palavra salvífica que está próxima não é a lei, mas a pregação apostólica, que anuncia a salvação oferecida em Cristo e que cria a possibilidade de se crer” (BARBAGLIO, 1991, p. 280).

Portanto, para encontrar a justificação, nesse contexto, não se requer as atitudes extravagantes e abruptas – “não digas em teu coração: quem subirá ao céu? [...] ou: quem descerá ao abismo?” (Rm 10,6-7) – do moralismo e fideísmo judaico, mas, requer-se buscá-la onde ela verdadeiramente está – “ao teu alcance está a palavra, em tua boca e em teu coração” (Rm 10,8), precisamente na palavra da pregação de Paulo e de todos os Apóstolos.

E, diante disso, respaldado pelo testemunho da Escritura, fazendo eco à fé comum da comunidade, Paulo insere em Rm 10,9 uma importante fórmula confessional do cristianismo primitivo, uma concisa profissão de fé como aclamação de Jesus Cristo, um esboço do credo cristológico das comunidades:

Quadro 1: Texto grego e tradução de Rm 10,9

Texto grego (NA28)	Tradução portuguesa
⁹ ὅτι ἐὰν ὁμολογήσῃς ἐν τῷ στόματί σου Κύριον Ἰησοῦν καὶ πιστεύσῃς ἐν τῇ καρδίᾳ σου ὅτι ὁ θεὸς αὐτὸν ἤγειρεν ἐκ νεκρῶν, σωθήσῃ·	⁹ Porque se confessares com a tua boca o Senhor Jesus e creres em teu coração que Deus a ele ressuscitou dentre os mortos, será salvo.

Fonte: texto grego da NA28; tradução e tabela dos autores, grifo nosso.

Cranfield (1992) aponta que, em paralelo com 1Cor 12,3; 2Cor 4,5; Fl 2,11 e outros, como se verá adiante, Rm 10,9 parece ser uma fórmula confessional mais ligada ao contexto batismal, bem como o culto cristão de modo geral. Como observa Mareano: “para as reuniões comunitárias essa fórmula apreça como uma doxologia àquele a quem se adere pela fé” (2011, p. 4). Osborne afirma que “os versículos 9-10 descrevem a resposta adequada ao evangelho, dizendo como as pessoas chegam à fé. Experimenta-se a salvação na dupla resposta de confessar (‘confessares com a tua boca’) e crer (‘creres em teu coração’)” (2020, p. 200). Dunn (2003) também concorda com essa ideia. Barbaglio ainda acrescenta que:

Esse sintético credo cristológico nos permite confirmar três dados importantes da fé cristã: a) o duplo caráter de adesão interior e pública confissão externa; b) o conteúdo essencial, ou seja, o senhorio do ressuscitado; c) a eficácia salvífica. Por sua vez, sublinha este último elemento afirmando, com duas proposições paralelas, que ‘crer de coração conduz a justificação, e confessar com a boca leva à salvação’ (1991, p. 280).

Com isso, além de enfatizar a proximidade da confissão e da fé, Paulo elimina qualquer fechamento da mensagem salvífica, pois, segundo Rm 10,9, para a salvação basta confessar o senhorio de Jesus com a própria boca e crer em sua gloriosa ressurreição com o próprio coração. E aqui, parafraseando Jl 3,5 (“Então, todo aquele que invocar o nome de YHWH, será salvo”), o Apóstolo recorda que não há mais distinção de raça ou situação (Rm 10,12),

mas que “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10,13) (cf. CRANFIELD, 1992, p. 246). Outrossim, conforme Barth: “não há outra palavra senão esta que Israel encontra em seu coração e em seus lábios, eternamente pronta, eternamente próxima” (2003, p. 586).

Faz-se necessário, portanto, elucidar o uso termo “Κύριος/Senhor” no contexto da Sagrada Escritura, especialmente, quando ele adquire um caráter de título cristológico. Pois, uma vez que Rm 10,9 utiliza está inserida na compreensão neotestamentária do termo, ela pressupõe o uso veterotestamentário. Por isso, passa-se a apresentar ambas as perspectivas tendo como objetivo destacar o alcance epistemológico e teológico do termo.

A confissão “Jesus é o Senhor” na Sagrada Escritura

De acordo com Dunn, “a confissão segundo a qual ‘Jesus é Senhor’ era a expressão pública da fé de que ‘Deus o ressuscitou dentre os mortos’. ‘Jesus é Senhor’ em virtude da sua ressurreição dentre os mortos” (2003, p. 292). Barth, afirma que: “o SENHOR é a impreterível e imperiosa reivindicação; a RESSURREIÇÃO é o que poderíamos designar como a componente singular, estranha e a FÉ é a livre iniciativa do momento absoluto da justiça de Deus” (2003, p. 587). Além disso, Fonseca destaca que o título “Κύριος/Senhor” “talvez fosse o mais adequado à confissão por conta da sua implicação de discipulado. Confessar Jesus como Senhor implicava em tornar-se seu discípulo, o que envolvia renúncia e obediência” (2016, p. 133).

Cullmann entende que “sobretudo no mundo helenístico o termo *Kyrios*, aplicado a Jesus, se converte em título cristológico; convém, pois, investigar a significação deste termo fora do cristianismo, na linguagem religiosa e profana” (2002, p. 257). Nesta confissão primordial da fé cristã o título de “Κύριος/Senhor” coloca o interlocutor diante da tradição veterotestamentária e do contexto religioso e político da época, pois, como se verá, o termo “Κύριος/Senhor” traz consigo um significado bem amplo e que agora é importante precisar.

O termo “Κύριος/Senhor” no Antigo Testamento

Conforme Bietenhard (1999), o termo “Κύριος/Senhor” é utilizado cerca de 9.000 vezes na Septuaginta (LXX). A maior parte de suas ocorrências seria para traduzir/substituir o nome próprio hebraico de Deus, o tetragrama YHWH. A pesquisa bíblica neste tema encontra três suposições: a primeira diz que seria o costume judaico de evitar a pronúncia do nome próprio de Deus, substituindo-o na liturgia por *adonai* (cf. DUNN, 2003, p. 296), pois, de um aspecto legal este termo significou basicamente que YHWH “é Criador e Senhor da totalidade do universo, dos homens, Senhor da vida e da morte” (BIETENHARD, 1999, p. 2317). E, por isso, onde “Κύριος/Senhor” representa *adon* ou *adonay*, teria sido tradução genuína; onde, de outro lado, representa YHWH, seria uma circunlocução interpretativa de tudo quanto o texto hebraico subentende com o emprego do nome divino: YHWH.

A segunda suposição vem de encontro com descobertas textuais mais recentes que indicam que se trata de cópias dos textos para uso cristão nas quais, na Septuaginta, foram encontradas essas substituições de termos, mas que em textos de uso judaico teriam o tetragrama escrito em hebraico ou outras formas mais específicas. Porquanto, Dunn afirma que “*kyrios* aparece para o hebraico YHWH só em exemplares cristãos tardios da LXX” (2003, p. 296). Essa linha afirma que “a mudança no texto escrito de יהוה para “Κύριος/Senhor” teria sido influenciada pelo uso cristão da expressão, e não o contrário” (FONSECA, 2016, p. 133).

Enfim, a terceira suposição, parecida com a primeira, demonstra que parecia ser “comum para os judeus antes do cristianismo designar Deus como Senhor, seja como *יהוה*, *יהוה* ou “Κύριος/Senhor” (dependendo do idioma falado)” (FONSECA, 2016, p. 133) e que, em síntese, os tradutores preferiam traduzir de cada forma distinta conforme o

contexto em que se encontrava a narrativa (cf. BIETENHARD, 1999, p. 2318). Nesta mesma linha de reflexão, Fitzmyer diz que:

Pensava-se que o absoluto (ὁ) χύριος, sem atributos, podia ser considerado derivado da Septuaginta; porque os grandes códices em pergaminhos, o hebraico *yhwh* é traduzido por χύριος (assim pensam, por exemplo, Cullman, Hann). Contudo, esta tradução se encontra unicamente nas cópias cristãs da Septuaginta que datam dos séculos IV e V, porém, não nos manuscritos confeccionados para os judeus de língua grega das épocas anteriores ao cristianismo. Nestas traduções do AT, o nome *yhwh* – escrito com letras hebraicas ou paleo-hebraicas – eram inseridas no próprio texto grego (1996, p. 2442-2443).

Outrossim, Dunn destaca que no emprego secular, a palavra “Κύριος/Senhor” “denotava dominação e direito de disposição de um superior sobre um inferior – seja simplesmente de um senhor sobre um escravo, de um rei sobre seu súdito, seja, por extensão, de um deus sobre o adorador” (2003, p. 294)¹. Além disto, nesse contexto, “Κύριος/Senhor” pode ser *gebir*, “comandante”, ou, em aramaico, *mara*, “senhor”, ou *sallit*, “governante” (CERFAUX, 2012, p. 539). Porquanto, professar alguém como senhor significa uma atitude de submissão, de pertencimento e dedicação àquele que assim era chamado. Da mesma forma, era comum chamar o deus ou deusa de algum culto específico com o termo “Κύριος/Senhor”, “Κύρια/Senhora”, principalmente de deuses egípcios e do oriente. E como era comum, a divinização dos governadores, por exemplo: do Egito (ex. Ptolomeu XIV, Cleópatra); do Império Romano (ex. Calígula, César Augusto, “Kyrios Kaisar” (cf. DUNN, 2003, p. 295)²), o termo senhor adquiriu um significado fortemente político.

Cerfaux, por outro lado, defende que:

O hábito de denominar o Soberano ‘Senhor’, Kyrios, é um traço dos costumes orientais, que passou para a língua grega na época do helenismo, sob a influência de ideias orientais. Encontramos disseminado no Oriente o título ‘Senhor’, quase sempre sob a forma de ‘nosso Senhor’, dado aos reis. Entre os arameus em particular, marana, maran é essencialmente título real, designando exclusivamente o rei reinante, jamais um deus ou um rei admitido à apoteose (2012, p. 359).

E, com isso, no Antigo Testamento, o domínio divino, a soberania do Senhor, não é a de um rei comum: o Messias não é um rei comum, o domínio do Messias é um domínio divino. Daí o contraste na interpretação da missão real de Jesus: “esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram!” (At 24,21).

Não obstante este contexto religioso, político e cultural no qual está inserido, o termo “Κύριος/Senhor” torna-se o título mais comum para designar a própria divindade do Deus de Israel. É precisamente neste sentido que o Novo Testamento utiliza o título de Senhor, tanto para o Pai como também para Jesus, assim reconhecido como sendo Ele próprio Deus (CEC, n. 446).

2.2 O termo “Κύριος/Senhor” no Novo Testamento e o título cristológico

Segundo Bietenhard (1999), no Novo Testamento, o termo “Κύριος/Senhor” ocorre 717 vezes para os mais variados modos, isto é, seja em relação a Deus, seja em relação a um ser humano, assim distribuídas: Mateus, 80x; Marcos, 18x; Lucas, 210x; João, 52x; nas Epístolas de Paulo, 275x; em Hebreus, 16x; 1Pedro, 8x; 2Pedro, 14x; Judas, 7x; Apocalipse, 23x. Uma vez que a proeminência das ocorrências em Lucas e Paulo se deve, provavelmente, aos

¹ E, ainda, fora do contexto bíblico e veterotestamentário: Senhor/escravo; senhor = dono, empregador; marido/senhor; senhor = superior; usado como vocativo e nominativo entre outras ocorrências (BIETENHARD, 1999, p. 2319).

² “Kyrios Kaisar = Senhor César; Theós Kaisar = Deus César” (CULLMAN, 2002, p. 262; cf. MINDIOLA, 2018, p. 105-111).

destinatários gregos de ambos os textos; as demais parecem estar em conformidade com o seu uso variado na LXX. Por isso, é difícil precisar com exatidão o uso geral do termo “Κύριος/Senhor” no Novo Testamento.

O próprio Jesus, implicitamente, atribui a si mesmo este título em Mt 22,41-46, trazendo o uso veterotestamentário do Sl 110,1 (cf. DUNN, 2003, p. 296)³. E, de modo explícito, quando diz “vós me chamais de Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés” (Jo 13,13-14) e, continua: “Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior que seu senhor” (Jo 13,16). O termo é usado para designar a equivalência ao tratamento divino e à relação de subserviência que identifica o próprio Jesus em relação ao Pai e os discípulos em relação a ele. Na boca de Tomé, “Ο Κύριός μου καὶ ὁ Θεός μου/meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28; Sl 35,23), torna-se a mais alta expressão da fé neotestamentária em Jesus Cristo ressuscitado (GONZAGA; LIMA, 2022, p. 152).

De acordo com Dunn (2003), do ponto de vista histórico, esta confissão “Jesus como Senhor” é tida como a mais antiga do cristianismo, sendo originária do cristianismo de fala aramaica, no qual teria a seguinte formulação: *Yeshua ‘hu’ mare*. Fitzmyer destaca que, “no NT, κύριος [...] designa como *Senhor* ao Cristo ressuscitado. É possível que originalmente aplicava-se a ele este título por considerá-lo muito apropriado para designar ao Cristo que vem para a parusia, como sugere a forma grega da expressão aramaica *māranā tā*” (1996, p. 2443⁴). Embora seja uma confissão tão curta, traz uma enorme gama de significado teológico e político. Diante disso, Ratzinger comenta que: “o termo Senhor tornou-se, ao longo do desenvolvimento do Antigo Testamento e do judaísmo tardio, paráfrase do nome de Deus e, então, colocou Jesus na comunidade de ser com o próprio Deus, identificou-O como o Deus vivo tornado presente para nós” (2016, p. 271).

Com isso, é possível distinguir dois momentos no emprego do título “Κύριος/Senhor” a Jesus: um primeiro que diz respeito ao ministério de Jesus antes da ressurreição. Fonseca observa que “como aquele era um ambiente de fala aramaica, a utilização de “Κύριος/Senhor” pelos evangelistas por certo não é original” (2016, p. 129). Por isso, boa parte dessas ocorrências podem ser enquadradas como fórmulas cortês de tratamento sem conotação estritamente religiosa. Muitas vezes, nos evangelhos, as pessoas se dirigem a Jesus chamando-o de senhor (cf. MINDIOLA, 2018, p. 116), exprimindo, assim, seu respeito e sua confiança. Ainda nessa primeira acepção do título é possível constar que ele remonta ao título de “Rabi”, de “Mestre” reforçando a ideia da necessidade de ouvi-lo e de segui-lo, implicando assim no discipulado de Jesus.

Um segundo momento desta atribuição de “Κύριος/Senhor” a Jesus está intimamente ligada ao fato da ressurreição e da exaltação. Como comenta Dunn: “as passagens em que a teologia de Jesus Senhor é explícita, aparece claramente que a ressurreição era entendida como o evento decisivo para este seu tornar-se Senhor. A exaltação como Senhor, poderíamos dizer, era o outro lado da moeda do estabelecimento como Filho ‘em poder’ (Rm 1,4)” (2003, p. 292). Deste dado fundamental emerge uma compreensão da pessoa de Jesus, isto é, uma cristologia

³ Conforme visto acima sobre o costume de pronunciar o título “Κύριος/Senhor”, ao invés do tetragrama na leitura pública; manifestando uma característica de Deus: a mão do Senhor; o anjo do Senhor; o nome do Senhor; o Espírito do Senhor; Senhor dos senhores; diz o Senhor, entre outros. E, também, Cerfaux afirma que essa aproximação é própria da comunidade cristã primitiva fundamentada na doutrina do Mestre (2012, p. 363).

⁴ Além disso, “a confirmação mais direta da origem muito primitiva e não-paulina da referência a Jesus como ‘Senhor’ encontra-se na transliteração grega da fórmula de invocação aramaica, *maranatha*, em 1 Coríntios 16,22. Para ser provavelmente vocalizada *māranā’ tā*, significa “Nosso Senhor, vem”. Essa frase provém dos judeu-cristãos de língua aramaica. Paulo a usa aqui sem explicação, sem nem mesmo tradução, o que sugere que ele a tinha transmitido antes aos coríntios, provavelmente como elo verbal sagrado entre os cristãos gentios de Paulo e seus predecessores e correligionários palestinos, que tratavam o Jesus ressuscitado de ‘nosso Senhor’ (*māranā de mārêh*)” (HURTADO, 2008, p. 1149).

que engloba o ministério terreno de Jesus e sua exaltação na ressurreição. Além disso, “a exclamação confessional que se empregava no culto, *kyrios Iesous*, ‘Jesus (é) Senhor’, sem dúvida teve sua origem na comunidade cristã pré-paulina” (BIETENHARD, 1999, p. 2320). Com isso, os evangelistas tiveram o cuidado de aplicar narrativamente o título com essa circunlocução após a ressurreição de Jesus.

Com base nisso, é possível aprofundar a compreensão paulina da confissão “Jesus é o Senhor”, especialmente em Rm 10,9. A partir do contexto veterotestamentário e do evento de Jesus Cristo, investiga-se o uso do título “Κύριος/Senhor” na teologia paulina.

A confissão “Jesus é o Senhor” na teologia paulina

A fé da comunidade cristã primitiva proclamava com toda força que “Jesus é o Senhor”, como bem observa Cerfaux: “as cartas paulinas fazem eco à fé comum. A confissão de fé é expressa pela fórmula κύριος Ἰησοῦς em Rm 10,9 e 1Cor 12,3” (2012, p. 361). Há, portanto, no termo “Κύριος/Senhor” um significativo nexo entre a exaltação de Jesus com a ressurreição e o discipulado a que todo cristão é chamado em virtude do seu batismo.

Nesse sentido, é possível destacar duas coletâneas de textos que fazem ver o uso paulino do termo “Κύριος/Senhor” em seus escritos: a primeira diz respeito às referências veterotestamentárias de “Κύριος/Senhor” (por ex.: Rm 4,8; 9,28-29; 1Cor 3,20; 1Ts 3,13); a segunda, por sua vez, engloba as confissões de fé das comunidades, o seu caráter litúrgico e escatológico, bem ligado ao contexto batismal (por ex.: 1Cor 12,3; Rm 10,9; Fl 2,9-11 e 1Cor 8,5-6).

As referências veterotestamentárias de “Κύριος/Senhor” nas cartas paulinas

A primeira coletânea de textos aponta que se referir a Cristo como Senhor precede a pregação do próprio apóstolo Paulo (por ex.: 1Cor 10,21; 2Cor 3,16; 1Ts 3,13; 2Ts 1,7-8). Isto é, considerando as cartas mais primitivas, é possível notar que Paulo, aplicando “Κύριος/Senhor” a Jesus sem precisar de justificativa nem explicação, faz ver que seus leitores já estão familiarizados com o termo e sua conotação teológica. Um dado bastante destacado pelos comentadores sobre esse argumento é o modo frequente como “Κύριος/Senhor” é aplicado a Cristo, sobretudo, nas aberturas e encerramentos dos escritos paulinos (por ex.: 1Cor 1,3; Rm 1,4); numa palavra, “as cartas paulinas pressupõe uma familiaridade com o termo como título cristológico desde as etapas mais primitivas de seu ministério” (HURTADO, 2008, p. 1149).

Nos escritos paulinos autênticos⁵, há mais de 200 ocorrências de “Κύριος/Senhor” (cf. BIETENHARD, 1999, p. 2318; HURTADO, 2008, p. 1150) das quais, aproximadamente 180, Paulo aplica o termo para Jesus. Não obstante, é importante considerar que alguns casos em que “Κύριος/Senhor” se refere a Deus Pai, embora em algumas passagens seja difícil precisar se, de fato, a referência é a Jesus ou ao Pai. As passagens em que Paulo aplica explicitamente “Κύριος/Senhor” para Deus estão dentro de citações do Antigo Testamento nas quais Deus é mencionado no texto

⁵ O *corpus* paulino pode ser dividido entre: **a)** escritos tidos pela maioria dos estudiosos como autenticamente paulinos ou protopaulinos (Romanos, 1-2Coríntios, Gálatas, 1Tessalonicenses, Filipenses e Filemon); **b)** escritos tidos como de autenticidade paulina duvidosa, também chamados de deuteropaulinos (Efésios, Colossenses e 2Tessalonicenses); e **c)** cartas pastorais, também chamadas de escritos pseudônimos ou de atribuição paulina, mas que não são autenticamente paulinos (1 e 2 Timóteo e Tito); outra nomenclatura é de cartas da prisão, por reunir as quatro cartas que remete a Paulo em prisão, no cárcere (Filipenses, Filemon, Efésios e Colossenses).

veterotestamentário e, por isso, o termo “Κύριος/Senhor” é como que a tradução grega para o tetragrama hebraico, conforme visto antes⁶.

Em Rm 4,8, Paulo cita o Sl 32,1-2, substituindo YHWH por “Κύριος/Senhor”. Da mesma forma, em Rm 9,28-29, cita o profeta Is 1,9, colocando “Κύριος/Senhor” no lugar de YHWH. Assim também em Rm 10,16 (Is 53,1); 11,34 (Is 40,13); 15,11 (Sl 117,1); 1Cor 3,20 (Sl 94,11); 2Cor 6,17-18 (Is 52,11)⁷. Por outro lado, há diversas passagens nas quais Paulo cita o Antigo Testamento com uma referência explícita a Deus como “Κύριος/Senhor”, que, porém, está omitido no hebraico e na LXX, como por exemplo: em Rm 11,3, ele completa com Senhor, a citação de 1Rs 19,10; também em Rm 12,19 (Dt 32,35); 1Cor 14,21 (Is 28,11). Diante disso, parece claro a familiaridade do uso de “Κύριος/Senhor” para traduzir ou substituir YHWH nas passagens veterotestamentárias.

Em algumas passagens é mais difícil ter certeza se é a Deus ou a Jesus que se aplica a citação, como em Rm 14,11 (Is 45,23) e 1Cor 2,16 (Is 40,13). Existem, por fim, passagens que mencionam YHWH no texto veterotestamentário onde, na citação paulina, “Κύριος/Senhor” se refere a Cristo, como por exemplo: 1Cor 10,21 (Mt 1,7.12); 1Cor 10,22 (Dt 32,21); 2Cor 3,16 (Ex 34,34); 1Ts 3,13 (Zc 14,5); 1Ts 4,6 (Sl 94,1); 2Ts 1,7-8 (Is 66,15); 2Ts 1,9 (Is 2,10.19.21); 2Ts 1,12 (Is 66,5). Paulo ainda cita passagens do Antigo Testamento que mencionam YHWH aplicando claramente a Cristo usando o termo “Κύριος/Senhor”, como por exemplo: em 1Cor 1,31, falando de Cristo Jesus, exorta a gloriar-se no Senhor, citando Jr 9,22-23, que menciona nominalmente HWH; também em 1Cor 10,26 (Sl 24,1); 2Cor 10,17 (Jr 9,22-23)⁸.

Da mesma forma, em Fl 2,9-11 (cf. GONZAGA; SILVA JÚNIOR, 2023, p. 1-16), sobremaneira, Paulo afirma que o próprio Deus conferiu a Jesus “o nome que está acima de todo nome” e, por isso, é justo proclamar “que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai”, porquanto, “crer em Jesus como Senhor é acreditar que ele compartilha a soberania de Deus” (FONSECA, 2016, p. 135; cf. CRANFIELD, 2005, p. 238). Também em 2Cor 3,15-18, Paulo se apropria alusivamente de uma passagem veterotestamentária para considerar o elemento cristológico, visto que, adapta o fragmento de Ex 34,34, onde “Κύριος/Senhor” é YHWH, para se referir a Cristo.

Diante disso, é possível perceber a grande intenção de Paulo de aplicar a Cristo a linguagem veterotestamentária, fazendo ver que Jesus estava ligado direta e singularmente a YHWH. Não apenas como um jogo de palavras, mas com uma clara intensão de considerar Jesus Cristo, o “Κύριος/Senhor”, em termos divinos.

Outra prova de que a referência paulina a Jesus como *kyrios* significa uma ligação direta de Jesus com Yahweh encontra-se em diversas passagens nas quais Paulo usa o conceito veterotestamentário do ‘dia do Senhor [Yahweh]’ para se referir à vitória escatológica de Cristo. Em 1 Tessalonicenses 5,2, 2

⁶ Além disso, “não se deveria falar de uma regra constante seguida por Paulo, segundo a qual ele teria regularmente substituído o ‘Adonai’ da Bíblia pelo ‘Senhor’ dos cristãos. Paulo submete-se mais do que isso à letra do Antigo Testamento. Desde que cita explícita ou virtualmente ou sobretudo quando determina e alinha suas referências com exatidão [...], conserva à referência ‘Senhor’ o valor de nome próprio de Deus (Pai). Quase não há exceção a esta regra. Só quando deixa de argumentar a respeito do texto, mas o cita de memória, aplica a Cristo as expressões do Antigo Testamento” (CERFAUX, 2012, p. 363).

⁷ Cerfaux ainda destaca que “há contextos onde Paulo introduz conscientemente na letra do Antigo Testamento uma lição cristã. Fá-lo bem cômico disso, por razões ‘teológicas’ que modificam a exegese. Julga que, nesses casos determinados, por razões muito precisas e que provêm da economia cristã, Cristo tomou o lugar ocupado por ‘Senhor’ no Antigo Testamento” (2012, p. 364).

⁸ Cranfield, nesta mesma linha, diz que: “Paulo aplica a Cristo, sem – aparentemente – o mínimo sentido de inadequação, o ‘Senhor’ das passagens da *Septuaginta*, nas quais é perfeitamente evidente que o Senhor a que alude é o próprio Deus” (2005, p. 238).

Tessalonicenses 2,2 e 1 Coríntios 5,5 Paulo simplesmente se apropria da frase veterotestamentária, embora o contexto deixe claro que o *kyrios* cujo ‘dia’ está próximo é Cristo. Em outras passagens, Paulo modifica a frase, para identificar Cristo explicitamente como o *kyrios* (1Cor 1,8; 2Cor 1,14; cf. 2Tm 1,18; 4,18) (HURTADO, 2008, p. 1151).

Com isso, fica claro que Paulo usa o termo “Κύριος/Senhor” como título cristológico, considerando todo o seu conteúdo veterotestamentário de referência a YHWH (Tetragrama Sagrado), sem com isso criar uma sobreposição entre Cristo e Deus. Antes, quando Paulo se refere a Jesus Cristo como “Κύριος/Senhor”, o termo tem uma conotação de honra e de posição deliberadamente comparável à de Deus. Outrossim, Cerfaux bem observa que:

Paulo dirige-se, com efeito, a gregos, que não podiam dar ao termo *Christos* o significado concreto correspondente à palavra hebraica ou aramaica que significa o rei messiânico, o Ungido de Deus. Ao contrário, na linguagem paulina, *Kyrios* continuará a ser um apelativo ou, mesmo que dele fizermos uma espécie de nome próprio e o nome mesmo de Deus, não deixará de ressaltar o matiz com o qual se aplica a Cristo (2012, p. 356).

Donde a aclamação “nosso Senhor Jesus Cristo” traça um esboço litúrgico-doutrinal que é compreendido por qualquer interlocutor de Paulo; para o judeu-cristão, Cristo é Jesus, o rei ungido enviado da parte de Deus para cumprir as profecias; para o grego-cristão, Senhor é Jesus, o rei ao qual unicamente se deve seguir.

As confissões de fé primitivas de Jesus como “Κύριος/Senhor” nas cartas paulinas

Os estudos literários no Novo Testamento identificam pequenos textos que são anteriores aos livros nos quais estão inseridos e são considerados confissões de fé primitivas, denominadas tecnicamente de *homologias* (cf. DUNN, 2003, p. 214). A confissão de “Jesus é o Senhor” que aparece em Rm 10,9 é considerada uma dessas fórmulas confessionais. A *homologia* traz a noção de um compromisso feito em público (cf. FONSECA, 2016, p. 124). No caso específico dessa confissão, seu objetivo não é enumerar atos da história da salvação, mas chamar para a aclamação de “Jesus como Senhor”. Assim, a aclamação é uma confissão, no sentido estrito da palavra, pois, com isso, a Igreja confessa sua lealdade a este particular Senhor.

Essas confissões, oriundas, em grande medida, do contexto do culto comunitário das comunidades cristãs, remetem à experiência batismal de reconhecer o pertencimento e a incorporação ao Corpo de Cristo, exigindo assim a confissão pública da fé em Jesus como seu próprio e único Senhor. Porquanto, todas as mais antigas fórmulas confessionais aclamam Jesus Cristo como “Κύριος/Senhor”. Ao atribuir a Jesus o título divino de Senhor, as primeiras confissões de fé da Igreja afirmam, desde o princípio, que o poder, a honra e a glória, devidos a Deus Pai, também são devidos a Jesus, porque Ele é “de condição divina” (Fl 2, 6) e o Pai manifestou esta soberania de Jesus ressuscitando-O de entre os mortos e exaltando-O na sua glória (cf. CEC, n. 449). Algumas passagens são as mais singulares nesse aspecto: 1Cor 12,3; Rm 10,9; Fl 2,9-11 e 1Cor 8,5-6; a análise subsequente abordará rapidamente cada uma dessas passagens.

Em 1Cor 12,3, Paulo afirma que “ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’ a não ser no Espírito Santo”; evidenciando, com isso, o argumento acima de que a confissão é oriunda do contexto celebrativo que, neste caso, dentro de uma extensa análise do comportamento apropriado ao culto cristão (1Cor 11,2-12,3), o apóstolo destaca que a aclamação de Cristo como o Senhor é fruto da ação do Espírito Santo e que é critério de veracidade do culto a mesma proclamação de fé. Segundo Fonseca: “dessa forma, qualquer ato litúrgico (no caso dos coríntios, a manifestação dos dons) que não ecoe o senhorio de Jesus, não provém do Espírito Santo, e não pode fazer parte de um culto cristão” (2016, p. 126).

Em Rm 10,9, essa aclamação se liga à crença na ressurreição de Cristo – confessar Jesus como Senhor e crer que Deus o ressuscitou dos mortos – como base histórica da fé e a demonstração de sua exaltação, como se verá adiante. A confissão aparece como critério exterior para a salvação, ligada especialmente ao contexto batismal, como demonstra Bruce:

Alguns comentadores entendem que se trata particularmente da confissão do nome de Jesus Cristo diante dos magistrados (ver Lc 21:12-15; 1Pe 3:13-16); mas se devemos pensar numa ocasião de destacada importância para se fazer essa confissão, talvez devamos achar mais provável aquela primeira confissão – “a resposta de uma boa consciência” (1Pe 3:21) – feita no batismo cristão (2002, p. 166).

Em Fl 2,9-11, a formulação é ligeiramente mais longa – “Κύριος Ἰησοῦς Χριστός/Senhor Jesus Cristo”, evidenciando assim uma estreita ligação com outras formas confessionais e uma maior precisão teológica (cf. CERFAUX, 2012, p. 369) – quer dizer que Jesus recebeu do próprio Deus o nome e, portanto, a posição, a honra e os atributos de Deus. Refletindo, assim, uma preocupação paulina pela fé monoteísta e harmonizá-la com a posição de Jesus refletida na aclamação “Κύριος/Senhor” e “Χριστός/Cristo”. Fonseca destaca pontuando que: “em todas essas variações a ênfase está no senhorio de Jesus: sintaticamente, nessas expressões, ‘Jesus’, com ou sem ‘Cristo’, identifica o ‘Senhor’ e ‘Senhor’ define quem Jesus é para os cristãos e seu relacionamento com ele” (2016, p. 128)⁹.

Por fim, em 1Cor 8,5-6 há também a preocupação pelo resguardo do monoteísmo em contraste com o ambiente politeísta greco-romano. Com isso,

Paulo confirma uma confissão bipartida: ‘só há um Deus [heis theos], o Pai’ e ‘um só Senhor [heis kyrios], Jesus Cristo’ (a última frase é outro exemplo da referência sonora mais longa a Cristo mencionada em Fl 2,11). O fraseado parece ser influenciado por Deuteronômio 6,4: ‘Escuta, Israel! O Senhor, nosso Deus, é o Senhor que é Um’ (kyrios heis estin [LXX], que traduz o hebraico Yahweh ‘ehad) (HURTADO, 2008, p. 1153).

Portanto, 1Cor 8,5-6 é um significativo marco na cristologia do Novo Testamento, pois, coloca a aclamação sobre Jesus dentro de um exposto compromisso com uma fé monoteísta. Existem ainda outras referências de “Κύριος/Senhor” nos escritos paulinos, que estão em outros contextos que não confissões de fé primitivas, isto é, dentro de estruturas linguísticas que expressam o núcleo duro da crença cristã dos primeiros séculos do cristianismo. Essas ligações com outros termos cristológicos demonstram o alcance do termo enquanto título de Jesus.

Essas ligações se encontram, sobretudo, nas passagens de introdução e de conclusão das cartas paulinas, dentro de saudações e despedidas das mesmas, provavelmente, comuns em saudações e bênçãos das assembleias litúrgicas das comunidades, como por exemplo: “Jesus Cristo nosso Senhor” (Rm 1,4; 5,21; 6,23; 7,24; 8,39; 1Cor 15,31); “nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5,1.11; 15,6.30; 16,20; 1Cor 1,2-10; 15,56; 2Cor 1,3; 8,9; Gl 6,14.18); “do Senhor Jesus Cristo” (Rm 1,7; 1Cor 1,3; 6,11; 2Cor 13,13; Ef 1,2; 3,20; 4,23) e “o Senhor Jesus” (Rm 13,14; 14,14; 1Cor 5,3-4; 11,23; Ef 2,19).

No Novo Testamento, por conseguinte, é possível identificar dois momentos distintos no uso do termo “Κύριος/Senhor” em relação a Jesus: o primeiro ocorre antes da ressurreição (por ex.: Mc 12,36-37) e possui um

⁹ Cerfaux acrescenta que “o termo κύριος é simultaneamente exotérico e esotérico. Exotérico por significar a soberania divina; esotérico por corresponder tradicionalmente ao tetragrama. Assim se prende a um nome humano o caráter de mistério ligado ao tetragrama, e mesmo o tema do nome inefável”.

caráter mais formal e discipular, enfatizando o seguimento do “Senhor Jesus”. O segundo momento ocorre após o evento da ressurreição (por ex.: At 2,36; 1Cor 12,3) e está associado à glorificação de Jesus Cristo, destacando sua proximidade com Deus Pai, não apenas no modo de tratamento, mas principalmente em sua pessoa, obra e missão.

Análise de Rm 10,9 dentro da teologia paulina

Tendo considerado o contexto literário próximo de Rm 10,9; analisado o termo “Κύριος/Senhor” na tradição veterotestamentária e neotestamentária; e, por último, o examinado uso paulino deste como título cristológico, convém agora considerar a formulação específica utilizada neste versículo específico da Carta aos Romanos¹⁰.

Com o termo “ὅτι/porque”, Paulo passa a justificar o que apresentou no versículo anterior (Rm 10,8) (cf. OSBORNE, 2020, p. 200). Ao passo que não é necessário atitudes extravagantes e abruptas para alcançar a justificação; ela, enquanto disposição do próprio Deus, está perto, “em tua boca e em teu coração”. A ordem das duas orações que seguem no presente versículo estão conforme Dt 3,14, não obstante, no versículo seguinte (Rm 10,10), Paulo invertendo a ordem, mostra com isso que tanto o crido quanto o confessado interligam-se reciprocamente (cf. CRANFIELD, 2005, p. 237).

Da mesma forma, o termo “ὁμολογήσης/confessar” insere o tema dentro do caráter batismal próprio do cristianismo e, que não basta unicamente “πιστεύσης ἐν τῇ καρδίᾳ/creres em teu coração”, isto é, interiormente. Mas é necessário confessar, professar, declarar, testemunhar exteriormente “ἐν τῷ στόματί σου/com a tua boca” a fé recebida. Uma vez que é aberrante que a boca confesse algo diferente do que o coração crê.

Seguindo com a análise, a expressão central da confissão cristã “Κύριον Ἰησοῦν/Senhor Jesus”, com a qual Paulo lembra ao seu leitor, principalmente os cristãos de língua grega, que, a partir do batismo, o seu único Senhor é Jesus. Assim, evidencia-se a centralidade de Jesus como Senhor. E, intimamente ligado – “ὅτι/que” – ao conteúdo central da fé cristã “ὁ θεὸς αὐτὸν ἤγειρεν ἐκ νεκρῶν/que Deus a ele ressuscitou dentre os mortos”, deixa claro que o Senhor a quem os cristãos confessam não é uma figura mitológica, simbólica ou política, mas é Jesus – alguém que viveu a vida humana real, morreu e foi ressuscitado por Deus uma vez por todas. A ressurreição, portanto, não é apenas mero ressurgimento de um cadáver para morrer de novo, mas a exaltação máxima, decisiva e irrevogável daquele que foi crucificado como o Senhor eterno. Cranfield observa que:

É significativa a escolha da ressurreição aqui como menção; já que ela assinala que, para Paulo, a crença de que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos é a fé distintiva e decisiva dos cristãos. Ela é, na verdade, o ‘artigo em virtude do qual a igreja está em pé ou cai’; pois ‘se Cristo não ressuscitou vazia é nossa pregação, vazia é também a vossa fé’ (I Co 15.14) (2005, p. 239).

Portanto, “a maneira mais significativa para falar de Cristo para Paulo é o título *kyrios*, ‘Senhor’” (DUNN, 2003, p. 291), uma vez que este título dá o alcance linguístico necessário para manifestar teologicamente tanto o ministério público de Jesus, quanto sua condição de glorificado pós-ressurreição. Esta confissão permite ainda confirmar a união entre a fé, expressa no coração, e a confissão, expressa pela boca, bem como o seu conteúdo essencial, ou seja, o senhorio do ressuscitado.

E, por fim, “σωθήσῃ/será salvo” reflete a esperança fundamentada na certeza histórica da glorificação de Jesus, o garante da salvação, da justificação, da herança da vida eterna. Confirmando a principal tese de sua carta – “ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego.

¹⁰ Conforme o Quadro 1: Texto grego e tradução de Rm 10,9.

Porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: *O justo viverá da fé*” (Rm 1,16-17) (cf. GONZAGA; CARDOSO JÚNIOR, 2023, p. 29-67) – Paulo dá provas de que sua pregação e, por ela, o Evangelho de Jesus, é válida e tem alcance universal e verossímil. Exposta no tempo futuro – “será salvo” – esta sentença reflete mais a salvação final do que a conversão atual, sem, porém, deixar de pressupor a grave necessidade da conversão pessoal. Osborne destaca, com isso, três etapas, por assim dizer, da salvação integral: “a confissão do pecado e a entrega da nossa vida a Cristo, em seguida a decisão de fé ou crer em Cristo e, por fim, a experiência contínua de salvação” (2020, p. 200). Daí que é possível afirmar em Paulo que confessar “Jesus é o Senhor” é critério exterior de salvação.

Em suma, a análise de Rm 10,9 evidencia a profundidade teológica da confissão cristã “Jesus é o Senhor”. Ao relacionar fé e confissão, Paulo une o aspecto interior e o exterior da experiência cristã, mostrando que a fé no coração e a declaração pela boca são inseparáveis na dinâmica da salvação. A ressurreição, por sua vez, é apresentada como o evento decisivo que valida a pregação do Evangelho e fundamenta a esperança cristã na salvação final. Assim, a confissão “Jesus é o Senhor” torna-se o critério visível de uma fé autêntica, reafirmando o alcance universal e a veracidade da mensagem paulina sobre a justiça e a salvação oferecidas por Deus a todos que creem.

Conclusão

A confissão de fé “Jesus é o Senhor” desempenha um papel central na teologia paulina, especialmente na Carta aos Romanos. Ao longo deste estudo, analisamos o significado e a importância dessa confissão no contexto da Sagrada Escritura.

No Antigo Testamento, o termo “Senhor” era utilizado para se referir ao próprio Deus, o Deus de Israel. Era um título que indicava soberania, autoridade e domínio absoluto. No entanto, no Novo Testamento, esse título começou a ser aplicado a Jesus Cristo, revelando sua divindade e igualdade com o Pai. A confissão de Jesus como “Κύριος/Senhor” implicava a crença na sua divindade e no reconhecimento de sua autoridade suprema sobre todas as coisas.

Na teologia paulina, a confissão de que “Jesus é o Senhor” é apresentada como um critério de salvação, pois evidencia tanto a adesão interior quanto a confissão exterior. Além disso, a confissão pública de Jesus como Senhor reflete a adesão pessoal e consciente ao senhorio de Cristo, enquanto a crença no coração na ressurreição de Jesus manifesta a aceitação do núcleo da fé cristã, que é a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte.

Por meio dessa confissão primordial, os crentes são chamados a entregar suas vidas a Jesus como “Κύριος/Senhor” e a se submeter à sua vontade. Essa entrega total é exemplificada na vida do apóstolo Paulo, que passou de perseguidor da Igreja a servo de Cristo, tornando-se o “apóstolo dos gentios e mestre das nações” (Rm 11,13 e 1Tm 2,7) (cf. GONZAGA; LIMA, 2023, p. 29-76). A experiência pessoal de Paulo, do encontro com o Senhor Jesus, o transformou profundamente, levando-o a dedicar sua vida à pregação do Evangelho e ao serviço do Reino de Deus.

Além disso, a confissão de Jesus como “Κύριος/Senhor” implica uma vida de obediência e fidelidade aos seus ensinamentos. Aqueles que reconhecem Jesus como “Κύριος/Senhor” são chamados a viver de acordo com seus mandamentos e a refletir o caráter de Cristo em suas vidas. Essa confissão tem implicações éticas e práticas, levando os crentes a viverem uma vida de amor, justiça e serviço ao próximo.

É importante ressaltar que a confissão de Jesus como não é apenas uma questão de palavras, mas também de fé e convicção interior. É uma declaração de fé que envolve todo o nosso ser, mente, coração e vontade. Ao se

confessar Jesus como “Κύριος/Senhor”, o crente hoje, como em todos os tempos, está reconhecendo a autoridade suprema de Cristo sobre ele e colocando nossa confiança n’Ele como seu Salvador e Senhor, a exemplo dos primeiros cristãos, que confessavam a salvação no nome do Senhor Jesus (At 4,12).

Em conclusão, a confissão de fé “Jesus é o Senhor” ocupa um papel fundamental na teologia paulina e na vida dos cristãos. Ela se apresenta como um critério externo de salvação, que exige uma entrega total a Cristo, com uma vida de obediência e fidelidade aos seus ensinamentos. Por meio dessa confissão, somos chamados a render nossas vidas a Jesus, reconhecendo sua soberania e comprometendo-nos a segui-lo de todo o coração. Que essa confissão se torne uma realidade em nossas vidas, transformando-nos e capacitando-nos a viver como verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, espalhando paz e justiça por onde quer que caminharmos no dia a dia.

Referência:

BARBAGLIO, G. As cartas de Paulo (II). São Paulo: Loyola, 1991.

BARTH, K. Carta Aos Romanos. São Paulo: Novo Século, 2003.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2002.

BIETENHARD, H. Senhor, Mestre; Kýrios. In: COENEN, L.; BROWN, C. (orgs.). Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 2316–2325.

BRUCE, F. F. Romanos: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2002. (Série Cultura Bíblica).

CARVALHO, J. C. S. Eixos maiores da teologia paulina. Humanística e Teologia. v. 30, n. 1, p. 57-109, jan. 2009.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 2000.

CERFAUX, L. Cristo na teologia de Paulo. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2012.

CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo: Atos e Romanos. Volume III. São Paulo: Imprensa da Fé, 1998.

CRANFIELD, C. E. B. Carta aos Romanos. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Grande Comentário Bíblico).

CRANFIELD, C. E. B. Comentário de Romanos versículo por versículo. São Paulo: Edições Vida Nova, 2005.

CULLMANN, O. Cristologia do Novo Testamento. São Paulo: Editora Custom, 2002.

DUNN, J. D. G. A teologia do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003. (Biblioteca de Estudos Bíblicos).

FITZMYER, J. A. κύριος. In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (Eds.). Diccionario exegetico del nuevo testamento. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1996, p. 2437-2448.

FONSECA, J. W. M. A exaltação de Jesus em Fl 2,9-11. Isidoro Mazzarolo (Orientador). Dissertação (Mestrado). Faculdade de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GONZAGA, W. Compêndio do Cânon Bíblico: Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, EdIPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GONZAGA, W. O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, jan./abr. 2017. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>

GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23). Cadernos de Sion, v. 3, n. 2, p. 130-163, 28 dez. 2022. Disponível em: <http://ccdej.org.br/cadernosdesion/index.php/CSION/article/view/64>. Acesso em: 03 jun. 2024.

GONZAGA; W.; CARDOSO JÚNIOR, J. V. L. “O justo pela fé viverá”: uma análise de Rm 1,17 à luz de Hab 2,4. In: GONZAGA, W. [et al.]. Fé, justificação e ressurreição nas Epístolas do Novo Testamento. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 29-63. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600828-01>

GONZAGA; W.; SILVA FILHO, J. R. O Justo viverá pela fé não pela lei: Gl 2,16; 3,11 e sua base veterotestamentária (Hab 2,4 e Sl 143,2). In: GONZAGA, W... [et al.]. Fé, justificação e ressurreição nas Epístolas do Novo Testamento. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 119-144. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600828-04>

GONZAGA, W.; SILVA JÚNIOR, M. D., Filipenses 2,5-11: Repensando a apologética cristã para o século XXI a partir da imitatio Christi. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2023. Doi: <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2023.1.44747>

GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7. In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 29-76. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600835-01>

HENDRIKSEN, W. Comentário do Novo Testamento: Romanos. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

HURTADO, L. W. Senhor. In: HAWTHORNE, G.; MARTIN, R.P. (Org.). Dicionário de Paulo e suas cartas. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 1147-1158.

KENNER, C. S. Comentário de Romanos. São Paulo: Editora Reflexão, 2019.

KLOPPENBURG, B. Kýrios: aos pés de Jesus. São Paulo: Ave Maria, 2000.

LÄPPLE, A. Mensagem bíblica para o nosso tempo: manual de catequese bíblica. São Paulo: Paulistas, 1968.

LOPES, H. D. Romanos: o evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010. (Comentários expositivos Hagnos).

MAREANO, M. A. A. A confissão de fé conforme Paulo e Marcos: uma aproximação a partir de 1 Cor 12,1-3, Pensar – FAJE, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 62-69, 2011. Disponível em <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/978>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MINDIOLA, C. D. C. Transfondo del título Kyrios: un debate revisitado. Revista Cuestiones Teológicas. v. 45, n. 103, p. 97-125, enero-junio. 2018.

MOUNCE, W. D. Léxico analítico do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2013.

NESTLE-ALAND (eds.). Novum Testamentum Graece. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

OSBORNE, G. R. Romanos: versículo a versículo. Bellingham: Editorial Tesoro Bíblico, 2020.

PATE, C. M. Romanos. São Paulo: Vida Nova, 2015. (Série Comentário Expositivo).

RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). Septuaginta. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

RATZINGER, J. Jesus de Nazaré: do Batismo no Jordão à Transfiguração. São Paulo: Planeta, 2016.

RIDDERBOS, H. A teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

SPAN, A. T.; ROCHESTER, S. T.; RENSBURG, F. J. Rendering the Divine Name in Romans 10:13. In: Die Skriflig / Luce Verbi. v. 54, n. 1, p. 1-10, August. 2020. Doi: <https://doi.org/10.4102/ids.v54i1.2560>

STOTT, J. Lendo Romanos com John Stott. Volume 2. Viçosa: Editora Ultimato, 2018.